

# O sinal de alerta está piscando

Sérgio Koffes

Julho passou como um vendaval de maus negócios e ruins novidades para o comércio de Brasília. Mais assustador do que a queda das vendas — caíram 6,28% em relação ao mês de anterior, junho — foi o crescimento do índice de desemprego no DF. Chegamos ao número alarmante de 151 mil e 300 desempregados. Não era para menos: há 19 meses o funcionalismo público federal e distrital (responsável por 40% da massa salarial da capital) não tem reajuste salarial, enquanto tudo sobe de preço: cesta básica, água, telefone, gêneros de primeiro necessidade, etc.

Está ligado o pisca-pisca vermelho do sinal de alerta: se não tomarmos providências, chegaremos ao final deste ano com mais de 200 mil desempregados e consolidaremos o título de **Capital do Desemprego**.

Isso sem falar na criação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira, da persistência das altas taxas de juros e da aprovação pelo Congresso Nacional do teto fixo de 2% para multas no pagamentos das contas em atraso, o que ampliará a inadimplência.

Em meio ao tremendo vendaval, o comércio faz o que é possível para cumprir sua função social. Segundo a pesquisa que ora divulgamos, o comércio de Brasília elevou no mês de julho os preços aos consumidores em apenas 0,46%, apesar da pressão altista de produtos de entressafra como carne ver-

melha e laticínios, com altas de até 9,29%. Isso significa que o comércio trabalha com a menor margem de lucro de todos os tempos e o nível de estoque lá embaixado.

A pesquisa mostra também que os consumidores do Distrito Federal continuam fugindo dos juros elevados do crediário e optam pelo pagamento à vista de suas compras, utilizam cartões de crédito ou buscam parcelamento sem acréscimo com cheques pré-datados. Quase dois terços das vendas de julho foram à vista. O uso de cheques pré-datados cresceu 21,8% em julho e 51,65% nos últimos 12 meses e responderam por 22,46% das vendas no varejo de Brasília.

O cenário para o mês de agosto não é dos mais otimistas nem transparente, embora o Dia dos Pais possa trazer algum reaquecimento das vendas. O comércio, no entanto, não pode ficar dependendo somente de datas festivas.

O momento não poderia ser mais propício para repensar Brasília como um corpo único, onde o comércio reflete as dificuldades da sociedade, a perda do poder aquisitivo do funcionalismo público, o crescimento da massa de desempregados e miseráveis, o avanço do comércio clandestino e ilegal. O sinal vermelho está piscando: todos devemos ficar em alerta máximo.

■ **Sérgio Koffes** é presidente da Federação do Comércio do Distrito Federal